

O Menino e o Bruxo: Machado de Assis para Principiantes

Prof^ª Dr^ª Catia Toledo Mendonça (PUCPR)

Resumo:

*O presente trabalho analisa a obra **O menino e o Bruxo**, de Moacyr Scliar, publicada pela Ática, comparando-a com **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, de modo a estabelecer relações entre as duas obras, em especial pelo aspecto metaficcional do texto contemporâneo. Do mesmo modo, são identificadas as relações entre o texto de Scliar e a obra machadiana em geral, como parte da metaficção. São apresentados também os elementos utilizados na composição da obra, que a endereçam ao leitor juvenil*

Palavras-chave: O menino e o bruxo, metaficção, literatura juvenil.

1. Introdução

É grande o número de obras publicadas para o público juvenil a partir de textos de Machado de Assis. O diálogo com contos e romances em formas diversas, que vão do cordel aos quadrinhos, parecem significar a necessidade de aproximar o jovem da leitura da obra machadiana. Desse modo, adaptações, releituras, reendereçamentos são alguns dos expedientes utilizados pelos autores para atender às demandas das editoras e Escola.

A obra a ser analisada neste artigo surge nesse contexto, em que a editora Ática propõe uma coleção- Coleção Moacyr Scliar- na qual estão presentes dois títulos que nos remetem à obra machadiana: **Ciumento de carteirinha**, uma recriação a partir de **Dom Casmurro**, e **O menino e o bruxo** (2007), sobre o qual se passa agora a falar.

2 O menino e o bruxo

2.1 Do título

O título da obra de Moacyr Scliar faz referência a uma expressão corrente utilizada para designar Machado de Assis: o Bruxo do Cosme Velho. O epíteto tem origem no poema de Carlos Drummond de Andrade, que em seu livro inaugural, **Alguma Poesia**, deixa clara a admiração pelo grande autor brasileiro no poema **A um bruxo, com amor**, do qual se destacam os seguintes versos:

Em certa casa da Rua Cosme Velho

(que se abre no vazio)

venho visitar-te; e me recebes
na sala trajestada com simplicidade
onde pensamentos idos e vividos
perdem o amarelo
de novo interrogando o céu e a noite.

Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro.
Daí esse cansaço nos gestos e, filtrada,
uma luz que não vem de parte alguma
pois todos os castiçais
estão apagados.

(...)
Todos os cemitérios se parecem,
e não pousas em nenhum deles, mas onde a dúvida
apalpa o mármore da verdade, a descobrir
a fenda necessária;
onde o diabo joga dama com o destino,
estás sempre aí, **bruxo** alusivo e zombeteiro,
que resolves em mim tantos enigmas.

Percebe-se, então, que Scliar busca no poema de Drummond a fonte para o título de seu livro e, como se verá adiante, elementos para o desenvolvimento da narrativa. A presença da palavra menino, no título, funciona como um elemento catafórico, que adianta para o leitor a presença do personagem juvenil na obra. Também se justifica a presença do menino a partir da frase “O menino é o pai do homem”, de Wordsworth, presente na obra machadiana.

2.2 Sobre o texto

Narrado em terceira pessoa, o texto conta a história do adolescente Joaquim Maria, em duas partes. Na primeira, o leitor encontra o menino que precisa vender doces, para ajudar em casa. É mulato, magrinho, feio, gago e epilético, tem o olhar melancólico e vive no Morro do Livramento. Na noite de Natal, antes de ir à Missa do Galo, Joaquim Maria anda muito, tentando vender os doces. Como não consegue, vai até o Cosme Velho, e pára à frente da casa de dois andares, onde diziam morar um bruxo. O menino sente-se mal, e quando acorda está no interior da casa, amparado por um homem elegante, “um senhor de idade, barba e cabelos grisalhos, bem vestido, com uma sobrecasaca preta, camisa branca, gravata.”(p.34) Reconhecendo aquele que diziam ser um escritor famoso, Joaquim Maria, que adorava escrever, resolve pedir conselhos ao grande mestre, que lhe serve jantar e o trata com carinho. Na conversa, muito do fazer literário machadiano é tematizado, e aparecem até trechos de textos de Machado de Assis.

Enquanto esperava pelo jantar, o menino resolve ir ao jardim, onde encontra uma linda jovem, chamada Capitolina, por quem fica, imediatamente, fascinado. Esta lhe pede que converse com o autor, para que mude o romance no qual é personagem. Quer ser retratada como uma mulher que encontra um grande amor, se casa, tem quatro filhos e é muito feliz. Nada de mortes. Promete, então, que será a Capitu de Joaquim Maria, só dele. O rapaz volta transtornado para o interior da casa, tenta convencer o bruxo de fazer a troca, o que lhe é negado. O homem afirma ao menino:

Você chegou ao futuro, mas agora terá que voltar, terá que ser o

menino que você é. O menino Joaquim Maria é o pai do homem. Eu só poderei existir se você prosseguir em sua trajetória. (SCLIAR,2007: p.78)

Sem que fique clara a saída da casa, ele se vê deitado na rua, acudido por outro homem, que lhe compra todos os doces e o leva até a Candelária, para que se encontre com os pais e assista à Missa do Galo.

Na segunda parte, Joaquim Maria retorna à casa do Cosme Velho, reencontra Machado de Assis, embora estivesse atrás de Capitu. O velho Machado o aconselha a não procurá-la, pois se decepcionará. Aconselha que fique com a personagem de Dom Casmurro, mas o menino desobedece e vai. A narrativa acaba com a presença de um gato comum, chamado Sultão.

2.3 Sobre o personagem

A prática de tornar autores da literatura personagens de narrativas literárias, onde o histórico se mistura ao ficcional, tem sido constante na Literatura Brasileira. Ana Miranda, por exemplo, escreveu diversas obras em que isso acontece, como **Boca do Inferno** (Gregório de Matos), **A última Quimera** (Augusto dos Anjos) e **Dias e Dias**(Gonçalves Dias) , para citar apenas alguns títulos.Essas obras podem ser classificadas como metaficção historiográfica, do modo como é apresentada por Linda Hutcheon.

O fato de se conhecer pouco sobre a vida de Machado de Assis facilitou o preenchimento das lacunas históricas e como “o romance e a história têm revelado com frequência suas afinidades naturais por intermédio de seus denominadores comuns em termos de narrativa”(HUTCHEON, 1991, p.123) o texto de Scliar retoma os fatos históricos, os questiona e ficciona.

Em **O menino e o bruxo** o autor que é transformado em personagem é o bruxo do Cosme Velho. Como se viu na apresentação da obra, o personagem é caracterizado com traços físicos normalmente associados a Machado de Assis, como o fato de ser mulato, magro, gago e até feio. Além disso, o personagem é nomeado, primeiro como Joaquim Maria, e depois como Machado de Assis, utilizando-se a primeira forma para o menino e a segunda para o adulto. Assim, o nome completo do bruxo do Cosme Velho é utilizado: Joaquim Maria Machado de Assis. Destaquem-se também os elementos biográficos utilizados na narrativa, como o nome do pai, da madrasta, o local onde viveu, o fato de não ter frequentado uma escola regular e até de trabalhar para ajudar aos pais. Dessa forma, elementos históricos se confundem com a ficção, no jogo pós-moderno desta metaficção historiográfica.

2.4 Sobre o diálogo

A leitura de **O menino e o bruxo** também remete o leitor ao universo ficcional machadiano, destacando diversos aspectos, que passarão a ser examinados agora.

A partir do título, já se percebe a presença do espaço da cidade do Rio de Janeiro, na localização do Cosme Velho. Para caracterizar a cidade que foi cenário de quase todas as narrativas machadianas, Moacyr Scliar explora aspectos físicos, como a beleza da paisagem em oposição à sujeira reinante, a iluminação a gás, o transporte feito

pelas gôndolas puxadas por animais e destaca as ruas do centro do Rio de Janeiro, como a do Ouvidor (antiga Rua Direita), a Rua da Quitanda, e enumera as livrarias que existiam na cidade, visitadas pelo menino Joaquim Maria, mas que seriam também trajeto do escritor Machado de Assis. Também a casa onde o menino entra e se encontra com Capitu pode ser, facilmente, identificada com aquela onde o escritor carioca morreu, imagem facilmente encontrada no *Youtube*. Firma-se, assim, o diálogo com a obra e a vida de Machado a partir já deste primeiro elemento: o espaço do Rio de Janeiro.

Ainda sob a perspectiva da metaficção historiográfica, Scliar traz para seu texto vários elementos que dialogam com a obra machadiana, direta ou indiretamente. É o que acontece com os trechos que o menino narra como sendo seus, mas que, em verdade, são trechos de contos de Machado. Para exemplificar, na página 40:

Um dia lhe ocorria: escrever uma história sobre o tema. A história de um homem que necessitando sustentar o filho recém-nascido, buscou um meio de ganhar a vida dedicando-se à caça de escravos fugitivos. Captura assim uma mulata que está grávida e que, por isso, lhe implora liberdade. Pai contra mãe, portanto, e este é o título que ele dará ao conto.

O leitor que conhece a obra de Machado facilmente reconhecerá o enredo do conto que o personagem promete escrever: o diálogo entre o menino e o homem traz seu enredo. Em outros momentos, trechos inteiros da obra machadiana são transcritos, principalmente de **Missa do Galo**, referido desde o início da obra de Scliar. Na página 98, sempre na conversa entre o menino e o homem, Scliar transcreve trechos inteiros do famoso conto, desta vez como exemplo da obra de autoria do adulto.

O homem suspirou, esboçou um pálido sorriso:
- Muito bem, já que você insiste...
Colocou o pincenê, desdobrou as folhas. Pigarreou:
- Começa assim: - Nunca pude entender certa conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos é missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

O trecho, antológico, é facilmente reconhecido como o início do conto **Missa do Galo**, e por isso aparece em itálico, para indicar a inserção do texto machadiano na obra de Scliar. A esse pequeno trecho se seguem muitos outros, que resultam na quase transcrição total do conto machadiano.

Mas essa não é a única obra de Machado de Assis convidada a fazer parte desse novo texto.

Há trechos em que **Memórias Póstumas de Brás Cubas** está presente, principalmente com o capítulo do delírio (o sétimo em Memórias Póstumas), como acontece na página 79:

Nesse momento, apareceu ali o gato Sultão.
Parado na porta, ele bloqueava o caminho. Impaciente, Joaquim Maria

ia saltar por cima dele, mas, para sua surpresa, o animal começou a crescer, a aumentar vertiginosamente de tamanho e mudar de forma. De repente, já não era o bichano que o rapaz tinha visto antes: era um animal enorme, monstruoso mesmo: vasta bocarra, couro espesso. Um hipopótamo, claro.

Outra obra muito presente nessa narrativa é Dom Casmurro. A personagem Capitu, a mais polêmica da obra machadiana, é resgatada. Por ela o menino Joaquim Maria se apaixona e por ela volta à casa do Cosme Velho. Também é ela que, numa alusão ao enredo desenvolvido na narrativa machadiana, solicita as alterações na mais famosa obra machadiana, que tematiza o adultério feminino. Seguindo a leitura desenvolvida na segunda metade do século XX, Capitu sugere a possibilidade de uma não traição, a ponto de solicitar que o texto original seja alterado e que a personagem possa ter um final feliz.

Há que se destacar aqui o jogo apresentado por Scliar, pois o que a sua personagem Capitu sugere são alterações que transformariam Dom Casmurro numa narrativa banal, estereotipada, como muitas românticas, em que as personagens são previsíveis, assim como os finais, sempre felizes. É por isso que o homem afirma ao menino: “Fique com a Capitu do livro” (p.103). Mantida a personagem na ficção, mantém-se sua integridade literária, que a torna imortal.

Para completar a tríade realista, destaca-se a presença de **Quincas Borba**, no trecho em que Scliar destaca o capítulo referente à guerra entre as duas tribos pelo campo de batatas:

Num de meus livros, falo de duas tribos famintas. Há um campo de batatas, que pode, no entanto, alimentar apenas uma das tribos. O que fazer? Se as tribos dividirem pacificamente as batatas entre si, ambas morrerão de fome. De modo que entram em guerra. O perdedor receberá ódio ou compaixão; agora, ao vencedor, as batatas!(p.73)

A expressão “Ao vencedor, as batatas” ultrapassou, há muito, as barreiras do texto machadiano, embora seja, ao mesmo tempo, referência direta à obra do autor. Por isso, o trecho foi escolhido para fazê-la presente no texto de Scliar .

Apesar da poética machadiana não ter tanto prestígio quanto sua prosa, alguns de seus poemas também estão presentes. Trechos de **A Carolina**, **A Palmeira** (o primeiro publicado por Machado), **Círculo Vicioso** e **Soneto de Natal** são transcritos literalmente, para exemplificar a produção do menino, que aspira ser escritor.

Há, também, uma relação das obras publicadas pelo menino, ao tornar-se homem, que são exatamente os títulos das obras machadianas, o que confirma a identificação entre os dois personagens.

Outro diálogo presente é aquele que apresenta aspectos do fazer literário. Assim, o homem propõe ao menino que ao escrever considere:

... o que não acontece é tão ou mais importante do que aquilo que acontece. Na literatura, como na vida, o previsível nem sempre é o melhor, nem sempre é o mais revelador. Escritor bom não é o escritor que diz tudo.(...) A história é importante. História é o que está nas linhas; mas o que está nas entrelinhas, aquilo que não é dito, que é só

sugerido, pode ser mais importante ainda. (p.51)

Ao estudarmos o estilo machadiano, encontramos a inação e a sugestão como duas grandes marcas do autor. Percebe-se, então, que o personagem- o homem- ao passar para o menino informações sobre como escrever seus textos, está, na verdade, deixando transparecer a leitura que Scliar faz da obra machadiana.

Nesse quesito- o fazer literário- Scliar destaca o fazer do conto e em determinados momentos, a voz de Scliar se mistura à do personagem, e o leitor já não consegue distinguir quando é Machado, o personagem, que está falando, ou é Scliar, o autor, como nos trechos a seguir:

Um conto bem escrito é tão bom quanto um romance bem escrito. Aliás, às vezes é mais difícil acertar no conto do que no romance. Como o romance é mais longo, você pode ter partes boas e partes menos boas, não importa: a obra vai ser julgada pelo conjunto. O conto, não. Como o conto é curto, você não pode se dar ao luxo de ter um trecho que não seja bom. (p.55)

Se considerarmos a obra ficcional de Moacyr Scliar, o grande contista que é, pode-se pensar que essa opinião é dele, não de Machado, embora o personagem, como se viu anteriormente, procure passar para o menino aspectos do fazer literário machadiano.

Outro aspecto presente na narrativa é a referência aos autores lidos. Sabe-se que os autores da literatura universal lidos por Machado influenciaram no seu fazer literário, como é o caso de Edgar Allan Poe, influência comprovada na obra machadiana.

2.5 Do paratexto

Além da obra de Moacyr Scliar, encontra-se no objeto livro uma série de paratextos que, no conjunto da obra, se tornam importantíssimos. Há, de início, uma apresentação da obra com a intenção de instigar o leitor a ler e conhecer a história de Joaquim Maria, pois a apresentação termina assim: “Nesta ficção baseada em fatos reais, você vai descobrir o que transformou a vida de Joaquim Maria e como ele se tornou uma das pessoas mais célebres deste país- reverenciado até hoje.” Observe-se que a informação de que a obra é baseada em fatos reais e o tom reticente da apresentação levam o leitor jovem a querer ler e descobrir do que trata o livro. É uma estratégia utilizada pela editora, que apresenta a narrativa até mesmo antes do sumário.

No sumário, percebe-se a divisão em duas partes sem esforço algum. Além dessas partes, estão no sumário três outras indicações: Bastidores da criação, biografia e Por dentro da história.

Bastidores da criação é um texto de Moacyr Scliar, no qual o autor conta como surgiu a idéia do livro: a partir da frase de Wordsworth, utilizada por Machado em Memórias Póstumas: O menino é o pai do homem. Essa frase também está presente em O menino e o bruxo, e se realiza no encontro entre o menino e o homem, como se viu no resumo da obra. Scliar também exalta a produção machadiana e confessa que o trabalho de pesquisa que envolveu a elaboração da obra não foi penosa, porque o texto

de Machado o encanta.

Na Biografia encontram-se as informações sobre a vida do escritor gaúcho, com uma foto dele ainda menino e outra em que está usando o fardão da Academia Brasileira de Letras. Percebe-se a referência à frase O menino é pai do homem.

Em Por dentro da história encontra-se um texto histórico, criado a partir do nascimento de Machado de Assis, no qual o leitor encontra informações que o ajudam na reprodução do contexto de produção da obra machadiana. Fazem parte desse texto várias fotos, que ilustram os diversos momentos da vida do país e do autor, como uma em que se registra uma crise epilética que Machado de Assis sofreu, em 1907. Há uma foto da casa do Cosme Velho, do Morro do livramento, de Machado e Carolina juntos e até uma do enterro do escritor. Percebe-se a preocupação da editora em fornecer dados ao leitor, para que esse possa distinguir os dados históricos e perceber os “fatos reais” a que se refere o texto de apresentação, parte do jogo metaficcional.

2.6 Sobre o leitor

Independente da qualidade literária, um texto endereçado ao público jovem apresenta características textuais facilmente identificáveis. Várias delas são percebidas no texto de Scliar. A primeira é a condição de obra juvenil que o fato de estar inserida numa coleção juvenil, como nos indica a ficha catalográfica.

Outro elemento comum na literatura para crianças e jovens é o duplo do leitor. Assim como em tantas outras obras, o personagem principal é um adolescente, com quem o leitor poderá se identificar, principalmente porque ele, assim como todo jovem, encontra uma menina, pela qual se apaixona.

A presença de um paratexto que informa ao leitor sobre a vida do autor-personagem nos leva a pensar num texto criado para ser lido com a mediação de um professor, na escola, portanto, o que nos remete à condição de paradidático, como aparece no site da editora Ática. Fora dessa condição, o paratexto não se justificaria.

2.7 Sobre as ilustrações

Além das fotos que enriquecem a biografia dos autores, há, também, 21 ilustrações, feitas por Maurício Veneza, artista que mora em Niterói, Rio de Janeiro, que hoje se dedica unicamente à Literatura Infantil e juvenil. Algumas ilustrações ocupam a página inteira, outras somente a metade dela. São imagens de desenho a traço e meio-tom colorizado digitalmente, com poucas variações cromáticas, mas não há, como já é comum nas obras infantis, informações sobre o autor das ilustrações ou sobre a natureza delas.

Em contato com o ilustrador, descobriu-se, além das informações acima, que ele pesquisou fotos da época e que “um passeio pelo centro do Rio e pela área do Catete ao Cosme Velho me ajudaram a compor as imagens”¹.

A maioria das ilustrações dialogam com texto, complementando-o, num processo de colaboração entre imagem e palavra. Dentre elas, há uma que chama atenção: a da página 57, na qual a imagem de um gato se multiplica e se distorce, transformando-se na imagem de um hipopótamo. Ela aparece depois de o personagem adulto Machado de Assis comentar ter escrito um capítulo de um livro em que o gato, num delírio, se transforma em um hipopótamo. Nesse caso, o desenho concretiza o

¹ Informação enviada por e-mail, pelo ilustrador, em 25-07-2011.

texto em imagem. Essa ilustração reforça a importância que o capítulo VII de Memórias Póstumas assume na obra de Scliar, pois ele é representado duas vezes, por imagens e palavras.

Ainda segundo informações cedidas pelo ilustrado, há uma outra obra homônima, de Luci Guimarães Watanabe, publicada nos anos 90, além de outro texto, de Luiz Antônio Aguiar, de 1999, com o título **Machado e Juca**, que parte da mesma abordagem.

3 Considerações finais

Ao final da leitura desta obra, pode-se perceber que ela se filia a uma tendência da literatura feita para jovens no Brasil: obras que dialogam com a produção clássica brasileira, neste caso, com a obra de Machado de Assis.

Percebe-se, também, que embora o diálogo com a obra machadiana seja claro, não há uma adaptação ou uma releitura de uma obra machadiana. Ao optar pela metaficção historiográfica, Moacyr Scliar cria um novo texto, que não é o machadiano, mas que remete o leitor à vida e à obra deste autor.

As ligações com a Escola, principalmente pela catalogação como paradidático, mas também pela presença do paratexto, tornam-se evidentes, e levam-nos a pensar que a proposta da editora e do autor é introduzir, através de *O menino e o bruxo*, o leitor juvenil no universo machadiano. A mediação, feita pelas informações fornecidas pelo objeto livro, garantem que o leitor possa reconhecer o aspecto histórico do texto e que entenda o jogo feito entre o ficcional e o histórico.

É uma obra que, no contexto em que foi produzida, se destaca pela qualidade de seu texto e pela proximidade com a obra do *Bruxo do Cosme Velho*.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, M. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1998.
HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
SCLIAR, M. *O Menino e o Bruxo*. São Paulo: Ática, 2007.